



Estrutura e discurso: O TVE em Dia e seus quatro meses de existência¹

Anderson David Gomes dos SANTOS²
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a existência efêmera de um telejornal vinculado à única TV aberta não comercial de Alagoas, o TVE em Dia, que teve sua veiculação em apenas quatro meses do ano de 2009 na TV Educativa de Alagoas, autarquia estadual. Destacam-se aqui as suas possibilidades e impossibilidades discursivas partindo do princípio de que uma emissora estatal pudesse transmitir determinadas notícias de forma diferenciada do que é veiculado nas demais, seja através de novos conteúdos ou de um suposto privilégio ao gestor do momento. Para isso, analisa-se a estrutura e o discurso do telejornal, através da Análise de Discurso de tendências francesas, em especial as notícias sobre as visitas a Alagoas do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do então governador de São Paulo José Serra (PSDB).

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Indústria Cultural; Televisão Estatal; TVE em Dia.

Introdução

O TVE em Dia teve sua primeira exibição no dia 25 de maio de 2009, como o telejornal da TV Educativa de Alagoas dentre os novos programas produzidos pela emissora, casos da nova temporada do Página Aberta (documentário) e do inédito Da sua conta (informações econômicas).

O telejornal teve sua última edição no dia 02 de outubro do mesmo ano, após 95 exposições, sempre das segundas às sextas-feiras, com início às 19h30; passando para as 20h30 em sua última semana de exibição. O telejornal tinha reexibições diárias às 22h.

Antes dessa experiência, a TVE contara com programas noticiosos em formato de telejornal, com modelos semelhantes ao que se vê na mídia comercial. Ressalta-se que o telejornalismo rende prestígio à emissora; é o programa que tende a definir a credibilidade para as outras áreas de produção (SILVA, 1985, p. 34).

Em 2006 e 2007 foi exibido o Última Edição, telejornal que era transmitido às 21h40, para ser acompanhado por quem chegava mais tarde em casa. Seu intuito era

¹ Trabalho apresentado no IJ 4 – Comunicação Audiovisual do XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de junho de 2011.

² Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela UFAL em janeiro de 2011 e mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da UNISINOS, e-mail: andderson.santos@gmail.com.



apresentar matérias “de acordo com critérios mistos entre os de noticiabilidade do jornalismo diário e os apregoados pela visão do jornalismo público” (SANTOS, 2006, p. 4). Ele contava com ambiente estético semelhante ao de telejornais de grandes emissoras locais, com um apresentador na bancada chamando as notícias.

As demais tentativas foram tratadas pela própria direção da emissora como provisórias. Em 2008, o TVE Notícias, que era um bloco de notícias que muito se assemelhava com o formato do Globo Notícias e do Gazeta Notícias (ambos da TV Gazeta/Rede Globo), com o(a) apresentador(a) chamando pequenas matérias produzidas pelos repórteres da emissora, em quantidade e tempo mais curtos que o normal para telejornais. A seguir vinha o Entrevista TVE, que tinha o formato de um talk show e durou menos tempo que o seu antecessor de horário.

Como veremos a seguir, o TVE em Dia aparece como uma mistura desses dois, ao apresentar notícias feitas na rua e debater os temas de maior relevância em determinadas áreas. Modelo este utilizado por outros telejornais locais, casos de Bom Dia Alagoas e ALTV 1ª Edição (TV Gazeta/Globo) e Pajuçara Manhã (TV Pajuçara/Record), forma criticada por Rezende (2000, p. 26):

O jornalismo na televisão padece ainda mais da limitação linguística pelo fato de que, (es)premidos pelo tempo, os telejornais – sobretudo do horário nobre da programação – são forçados a condensar ao máximo o noticiário. A divulgação do maior número de notícias no menor tempo possível, lema dessa mentalidade de produção telejornalística, transforma os informativos quase numa mera sequência de manchetes, o que torna inevitável a redução vocabular.

Para estabelecer um estudo deste telejornal, tivemos acesso ao espelho³ de 93 das 95 edições (com exceção dos dias 01 de julho e 20 de setembro de 2009), de maneira a analisar inicialmente quais os períodos que poderiam ser utilizados por terem tido maior destaque, em nossa interpretação, quanto ao discurso proferido.

A escolha foi por duas semanas por um motivo: a presença de um importante político nacional em visita a Alagoas. Assim, optou-se pela semana do dia 13 ao dia 17 de julho de 2009 por conter notas e notícias sobre a visita do então presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT); e pela semana que foi do dia 10 ao dia 14 de agosto de 2009 pela presença do então governador de São Paulo José Serra (PSDB).

³ “Espelho: é a relação e a ordem de entrada das matérias no telejornal, sua divisão por blocos, a previsão dos comerciais, chamadas e encerramento. Como a própria palavra indica, reflete o telejornal” (PATERNOSTRO, p. 204).



Este artigo tem como objetivo tecer comentários sobre as possibilidades de um telejornal de uma emissora estatal criar alternativas de transmissão de notícias e de debater assuntos com maior profundidade e liberdade em relação às televisões comerciais⁴. Aventa-se a hipótese de que a falta de exigência de índices de audiência – impossibilitados também pela falta de sinal em boa parte do Estado – permitiria a esta emissora tratar temas diferentes, de forma mais qualificada. Assim como, o quanto o elo com a máquina administrativa estatal pode ser refratada na produção de jornalismo da emissora, fator que logo surge quando o assunto em discussão é a produção noticiosa em meios estatais de comunicação.

Estrutura do noticioso

Para realizar um filtro do que foi publicado, foram observados os espelhos do telejornal. Posteriormente, analisou-se a estrutura deste produto midiático, de maneira a contextualizar determinados aspectos de discurso que serão alvo da nossa interpretação.

Como toda técnica, as rotinas e procedimentos profissionais são em geral considerados ideologicamente neutros por seus usuários, mas é por meio deles que os participantes num processo de comunicação constroem suas identidades e relações mútuas e selecionam os conteúdos que estarão em jogo no evento comunicacional, deixando as marcas que nos textos produzidos levam à contextualização promovida pelo analista (PINTO, 2002, p. 53).

Nesses cerca de quatro meses, o telejornal foi apresentado por apenas uma pessoa, a jornalista Maria Maciel, com um cenário que permitia à apresentadora ficar em pé no momento da leitura das chamadas de notas e notícias e com dois lugares para que ficasse sentada com o entrevistado nesta parte do noticioso. Temos que destacar também que, pela falta do equipamento de *teleprompter*, o material era gravado minutos antes de o telejornal ir ao ar, ao contrário dos exibidos noutras emissoras.

Para o processo de comunicação, especialmente quando se trata de um produto midiático, trazemos a noção foucaultiana de *ritual* para o telejornalismo, que procura fazer com que o telespectador adquira determinado conteúdo como seu, a partir das formas de dizer e colocar determinados temas em pauta. Só que para isso ocorrer é necessária uma série de regras e modelos a serem seguidos ao longo das exposições.

⁴ O estudo “Os Grupos de Mídia e a Economia Política da Comunicação em Alagoas”, desenvolvido por Santos *et al* (2008, p. 8-9) identificou oito grupos midiáticos em Alagoas, dentre os quais se encontram a Organização Arnon de Mello, que controla a TV Gazeta (Rede Globo) e pertencente à família Mello, de representantes políticos como o ex-presidente e atual senador Fernando Collor de Mello (PTB). A outra emissora com telejornal ativo é a TV Pajuçara (Rede Record), de propriedade do ex-senador José Tenório (PSDB).



A troca e a comunicação são figuras positivas que atuam no interior de sistemas complexos de restrição; e sem dúvida não poderiam funcionar sem estes. [...] A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção (FOUCAULT, p. 38-39).

O programa foi estruturado com escaladas⁵, que contavam de três a cinco manchetes; notícias; chamadas; e três passagens de blocos. O TVE em Dia contou com os seguintes formatos jornalísticos: notas (mais sua derivação nota pé⁶), notícias, entrevistas e, em alguns casos, comentários.

A cada dia da semana haveria um tema específico para se realizar a entrevista: esportes (segunda-feira), mais voltado aos comentários sobre a participação de times alagoanos de futebol em competições nacionais; economia (terça-feira), na maior parte das semanas com o economista Fábio Guedes, configurando-se um comentarista do assunto; política (quarta-feira); cidadania (quinta-feira); e cultura (sexta-feira).

Chareau (2009, p. 228-229) critica essas formas de recorte da realidade por parte dos telejornais. Segundo ele,

O telejornal procede a uma fragmentação temática (seguindo o modelo de rubricagem da imprensa) que pretende corresponder à fragmentação do cotidiano do espaço público, mas que, na realidade, é uma fragmentação convencional do mundo midiático, uma racionalização, imposta como um pensamento único, do que são os acontecimentos do mundo.

As entrevistas baseadas nestes temas só não ocorreram em cinco ocasiões, geralmente devido a especiais exibidos no dia, que tratavam de um assunto ou acontecimento e suas consequências e, num caso específico, por uma entrevista ter durado dois blocos (com o jornalista Waldir Calheiros, em 25 de setembro).

De forma geral, o TVE em Dia se constituía desta forma:

⁵ “Escalada: frases de impacto sobre os assuntos do telejornal que abrem o programa. Uma escalada bem elaborada deve prender a atenção do telespectador, do começo ao fim do telejornal.” (PATERNOSTRO, p. 203).

⁶ A nota pé acontece quando há uma informação nova ou importante para completar a matéria que foi ao ar, sendo dita logo após da mesma.



- Escaladas: quatro manchetes;
- 1º bloco: três notícias e três notas;
- 2º bloco: entrevista com especialista sobre tema específico do dia;
- 3º bloco: entrevista sobre acontecimento factual.

A divisão dos blocos era por aproximadamente oito minutos cada. Percebe-se, então, que o TVE em Dia mantém a rápida apresentação das notícias, atendendo ao caráter efêmero da informação televisiva. Mesmo as entrevistas realizadas, à exceção dos especiais, nem sempre têm o tempo suficiente para contextualizar os temas em discussão. Rezende (2000, p. 58) aponta nisto um problema para o jornalismo, apesar de ser comum a todo tipo de programação televisiva:

Primeiro, porque a curta duração de cada unidade informativa não permite (em geral) que se compreenda o fenômeno noticiado em toda a sua complexidade. Depois, porque a apresentação mosaicada dos fatos não oferece ao telespectador a oportunidade de realizar interligações indispensáveis para a correta apreensão dos problemas sociais. Acrescenta-se a isso a visão a histórica que a norma imperial do agora impõe, a inviabilidade do telespectador voltar atrás no que já foi dito e pode-se ter uma noção aproximada de quão imperfeita e distorcida pode ser a compreensão das notícias por parte de um espectador médio que se informe apenas pelos telejornais.

No caso aqui em análise, tal fato confirma a ideia que o padrão tecnoestético estabelecido pelos grandes meios de comunicação tendem a ser um modelo a ser seguido pelos demais, por maior espaço que tenham não para adaptar um já existente, mas para inovar neste quesito.

Informações que fugiram ao tradicional no TVE em Dia

Do material exibido e observado, três matérias abordaram um problema existente no próprio complexo de comunicação Instituto Zumbi dos Palmares (IZP), fundamental para o fim prematuro do telejornal: a contratação de profissionais para cargos públicos sem concurso público.

No dia 21 de julho, noticiou-se através de uma nota a intimação da Procuradoria Regional do Trabalho (PRT) para que órgãos públicos estaduais explicassem a existência de profissionais nesta situação. Já a nota lida no dia 30 de julho apontava um levantamento de contratação irregular na Câmara de Vereadores da capital.

Só no dia 30 de setembro, com a notícia da exigência da PRT para que o IZP rompesse o contrato de 26 profissionais em situação irregular, é que o assunto sobre o



complexo de comunicação foi pauta do telejornal, através de um agradecimento aos funcionários pelos serviços prestados para a emissora. Este texto trouxe ainda fortes críticas à gestão do Estado ao lembrar que pessoas aprovadas aprovados no único concurso realizado pelo Instituto, em 2004, nunca foram convocadas para os cargos.

Outros momentos que destacamos quanto a possíveis críticas ao Governo do Estado durante 2009, sob o comando de Teotônio Vilela Filho (PSDB), foram as entrevistas realizadas por representantes de partidos políticos de oposição ou organizações sindicais que entraram em atrito com o governo, devido a protestos e/ou greves por reivindicações de direitos trabalhistas.

Duas entrevistas sobre a Câmara de Vereadores de Maceió foram realizadas com o vereador do PSOL Ricardo Barbosa (26/05 e 12/08); uma entrevista sobre o aumento do duodécimo da Assembleia Legislativa, com o deputado estadual do PT Paulo Fernando dos Santos (24/06); uma com o presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT), Izac Jackson, sobre um ato que marcaria os doze anos da renúncia do governador Divaldo Suruagy, contra a volta de deputados e por aumento salarial (12/08); e, também, com a vice-presidente da CUT, Lenilda Lima, sobre um ato público no dia 16 de setembro, com a união de vários sindicatos e associações, por aumento salarial para servidores estaduais.

Por fim, para esta análise geral, destaca-se o fato de que, além do agradecimento aos funcionários com contratos rompidos, a presença de temas ligados diretamente à comunicação estiveram presentes, caso da obrigatoriedade do diploma. Além da divulgação de atividades ou programas produzidos pelo IZP, casos do Projeto Linda de Debates e da transmissão exclusiva de jogo do ASA no Campeonato Brasileiro de Futebol da Série C através de parceria com a TV Aldeia, emissora estatal acreana.

Interessante observar, especialmente quando comparado aos demais telejornais, a presença da qualidade e diversidade de conteúdo sobre o próprio meio de comunicação televisivo em algumas das entrevistas realizadas.

Já no primeiro dia do telejornal (25/05), Maria Maciel entrevistou o professor Amilton Gláucio da Oliveira, do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), sobre TV pública. No dia 20 de agosto foi a vez de Sivaldo Pereira, integrante do Coletivo Brasil de Comunicação Social, o Intervozes, falar sobre os sistemas públicos de comunicação. Por fim, em sua última exibição (02/10), uma



entrevista com o professor, aposentado pela UFAL, Luiz Gonzaga, sobre a primeira Conferência Nacional de Comunicação.

Este é um assunto que poucas vezes aparecem nos meios de comunicação das grandes emissoras ou, quando aparecem, o são sobre uma perspectiva própria. Afinal,

A identificação das relações de poder em qualquer sistema de comunicação significa elemento fundamental para se avaliar a conexão dos interesses políticos e econômicos que estão por detrás das suas mensagens, programas e campanhas. [...]

No sistema capitalista, antes dos interesses, expectativas e aspirações da coletividade a que serve um meio de comunicação, estão as vantagens particulares do seu dono e as conveniências sociais a que se vincula por raízes de classe (MELO, 1985, p. 96).

Resta saber, a partir do discurso proferido pelo telejornal, se o “proprietário” da TVE, neste caso o Governo de Alagoas, foi prioritário nos dizeres desta mídia. Para se ter uma ideia inicial, das 93 edições analisadas para a realização do filtro desta pesquisa, apenas uma, a do dia 28 de agosto, não continha matérias que citassem o Governo do Estado ou algum de seus órgãos ou secretarias.

Além disso, o Governo do Estado possui um portal de notícias, a Agência Alagoas, que se configura como um local com informações sobre as mais diversas áreas da gestão do Executivo, ou seja, como uma fonte de pautas para reportagens para o telejornalismo local, ainda mais quando se tem uma equipe mais reduzida. Nem sempre é preciso “avisar” aos jornalistas sobre a necessidade de incluir um tema ou outro e a sua possível forma de abordagem.

O fazer jornalístico e o conteúdo noticioso desenvolvido pelos profissionais da TV Educativa, desta forma, é direcionado voluntária ou involuntariamente a uma cobertura mais expressiva dos fatos governamentais, o que não exclui, a princípio, temas estranhos a esta temática ou ainda menções de grupos politicamente não alinhados ao discurso oficial (SANTOS, 2006, p. 11).

Outro problema, observado por Santos (2006, p. 09) quanto a emissoras não comerciais, é que os profissionais tendem a trazer suas rotinas de produção verificadas em outras emissoras de comunicação para um jornalismo que deveria ser voltado diretamente para e pelo público. Segundo o autor, um desafio é fazer com que os trabalhadores possam se afastar de concepções e orientações sobre o objeto da comunicação como o utilizado pela TV comercial.



Ainda assim, o elo com a máquina administrativa pode deixar perceptível a função do telejornal estatal como um divulgador das ações governamentais, a partir do ponto de vista de quem faz parte da gestão. Fazer isso é se afastar do conceito de TV pública e ingressar num caráter de instrumento para difusão de discursos das classes dominantes pertencentes ou apoiadoras dos políticos que ocupam o Poder Executivo.

Como apontado anteriormente, quando se fala em produção de notícias por meios de comunicação estatais logo se pensa em conteúdos a favor da gestão em vigor. Para verificar tal hipótese, resolveu-se observar períodos específicos do TVE em Dia, de forma a interpretar possíveis dados em que os interdiscursos – discursos entrecruzados com a informação passada – possam indicar um posicionamento da classe dirigente.

Para tal análise, optou-se especificamente por duas semanas por conta da presença de duas das maiores figuras políticas do Brasil. Do lado do Governo federal está a visita para inaugurações realizada pelo então presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com notas e matérias veiculadas nos dias 13, 14 e 15 de julho. Como representação da oposição, e do mesmo partido do governador do Estado no período, está a vinda do então governador de São Paulo José Serra, para assinar parcerias e entregar prêmios de um projeto fiscal, com publicação de material apenas no dia da visita, 14 de agosto.

Utiliza-se para tal verificação de dispositivos teóricos da Análise de Discurso de tendências francesas, a qual Cossa (2010, p. 175) define como um dispositivo ue coloca em relação o campo da língua e o campo da sociedade, empreendida pela história nos termos das relações de força, de dominação ideológica, que teria surgido na França dos anos 1960. Segundo o autor, a linguagem é vista como o lugar de conflito, de confronto ideológico em que a significação se apresentaria em toda a sua complexidade.

Análise das edições exibidas do dia 13 ao dia 17 de julho de 2009

Durante a semana de exibição do dia 13 ao dia 17 de julho de 2009, a quantidade de matérias não mudou em relação à média utilizada pelo programa. Os comentários foram sobre: esporte (relativo aos times alagoanos de futebol), economia (com o economista Fábio Guedes) e a volta dos deputados afastados pela Operação Taturana à Assembleia Legislativa de Alagoas.

Um destaque quanto às matérias presentes nas escaladas ocorreu no dia 17 de julho, em que duas chamadas são direcionadas ao ato público realizado naquela manhã, cujo motivo seria a lembrança dos doze anos da grande manifestação pela saída do



então governador Divaldo Suruagy. Porém, pelo que foi colocado - “17 de julho: ato público no Centro de Maceió reúne servidores estaduais e movimentos sociais. Doze anos após a queda do ex-governador Suruagy, a gente relembra o fato que entrou para a história política alagoana” - acaba-se por omitir os demais motivos da realização do ato, dentre os quais estava o de pressionar o governo por reajustes salariais.

Inclusive, o telejornal mostrou a matéria com uma chamada sobre o ato público “que reuniu cinco mil pessoas no Centro de Maceió para lembrar o dia 17 de julho”. Enquanto no segundo bloco exibiu uma entrevista com o presidente da CUT, Izac Jacson, explicando que o foco do ato seria os reajustes salariais, de forma que poderia gerar a interpretação, dada até mesmo a distância entre as reportagens e a entrevista, que seriam dois eventos diferentes.

Sobre o silêncio em alguns dizeres, Orlandi (2007, p. 83) afirma que “as relações de poder em uma sociedade como a nossa produzem sempre a censura, de tal modo que há sempre silêncio acompanhando as palavras”. Abaixo, a chamada da entrevista:

Os servidores públicos do Estado foram às ruas hoje para pressionar o Governo por reajustes salariais. O movimento também protestou contra a volta dos deputados que haviam sido afastados durante a Operação Taturana. O ato também serviu para marcar os doze anos da queda de Divaldo Suruagy.

Dentre as notícias, notas e entrevistas realizadas no TVE Em Dia durante a semana que foi do dia 13 ao dia 17 de julho de 2009, apresenta-se como fato destacável a presença do presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), cujo nome foi citado em três dias seguidos, com matérias com sua presença no dia das inaugurações de obras em Alagoas no dia 14 de julho de 2009.

Para a nossa análise, descartamos a informação do dia 13 de julho, já que a mesma refere-se a um serviço ao público sobre as mudanças do trânsito na área da orla de Maceió devido à inauguração da reurbanização de um trecho do local.

A edição do dia 14 (terça-feira) exibiu duas reportagens com inaugurações em que o presidente Lula participou: a adutora Helenildo Ribeiro, em Palmeira dos Índios, e a reurbanização de um trecho da orla de Maceió. A única personalidade com discurso em ambas é o presidente, só que com destaques diferentes entre eles.

Na matéria sobre a inauguração da adutora, o texto do repórter destaca a companhia do governador Teotônio Vilela Filho ao presidente Lula, este com altos índices de aprovação, de forma que isso pode ser interpretado como uma maneira de



ligar esses dois personagens integrantes de partidos que se posicionam antagonicamente no contexto político nacional. Sobre a suposta amizade entre os dois personagens políticos, a fala do governador vai ao encontro disso ao agradecer o investimento.

A inauguração da tarde do dia 14 de agosto não teve a presença do governador, por se tratar de uma obra em parceria da prefeitura de Maceió com o Governo federal. Das personalidades políticas presentes, apenas o presidente aparece discursando. A única outra voz na matéria é a de uma turista, sem identificação, que faz um elogio à obra. O discurso do presidente é marcado pela ironia na comparação que ele faz com sua dificuldade em emagrecer para apontar a importância da área de lazer na Orla.

A última matéria que envolvia o presidente Lula foi realizada no dia 15 de julho (quarta-feira). Desta vez, o telejornal foi verificar, sem o tumulto de um evento público, como teria ficado a obra de reurbanização da Orla. Algo interessante por se adequar ao interesse público ao saber se o investimento foi em algo bem realizado, porém, fica a ressalva de nenhuma reportagem ter sido feita para verificar se o problema de abastecimento d'água na cidade de Palmeira dos Índios fora resolvido.

Esta cumplicidade faz lembrar um importante – e talvez inevitável – aspecto do serviço público e broadcasting: a dificuldade de imaginá-lo como uma instituição funcionando sob licença do governo, podendo ser uma adversária ou até mesmo uma crítica radical desse mesmo governo (LEAL FILHO, 1997, p. 78).

Além de um possível motivo político ligado ao assunto que impossibilitaria qualquer verificação de falhas no projeto com a parceria do Governo estadual, há a impossibilidade financeira e indisponibilidade de carros e profissionais para mais um deslocamento a uma cidade no interior.

A reportagem cita o fato de a obra atender apenas o trecho da Orla em “bairros nobre da zona norte de Maceió”. Também critica a demora na inauguração e relata de onde saíram as verbas: “apesar de já estar pronto há muito tempo, somente ontem esse trecho da Orla foi inaugurado pelo presidente Lula. São mais de dois quilômetros de extensão, que custaram mais de cinco milhões de reais ao bolso do contribuinte”.

A matéria descreve ainda onde foram aplicados os gastos (construção de calçadas, reordenamento de barracas, etc.), mas deixa claro que “nem tudo são flores”, ao trazer uma reclamação de um dono de bar sobre a falta de estrutura ainda presente apesar da obra realizada pelo Governo federal. Bem diferente da forma que foi concluída a matéria do dia anterior, com uma turista elogiando o serviço realizado.



Em nossa interpretação, as matérias deram um destaque à imagem do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, dado o seu cargo e a sua popularidade, com a tentativa de ligá-lo ao governador Teotônio Vilela Filho. Na segunda matéria há a preocupação maior em não citar os políticos presentes no evento, todos de oposição, até então, à gestão estadual. No dia seguinte, cumpre parcialmente o seu papel de atendimento à sociedade, ao só verificar o resultado de uma das obras realizadas.

Análise das edições exibidas do dia 10 ao dia 14 de agosto de 2009

A utilização de formatos jornalísticos não variou muito durante a semana que foi de 10 ao dia 14 de agosto de 2009. As escaladas neste período, além do destaque à parceria assinada pelo governador de São Paulo, José Serra, a ser analisada aqui posteriormente, tem alguns outros interdiscursos a serem destacados.

No dia 10 de agosto, uma informação social merece destaque. Pais de crianças de uma creche no bairro do Benedito Bentes bloquearam a avenida principal de um conjunto “contra a possível suspensão das atividades na creche, por falta de funcionários”. A chamada da escalada foi desta forma: “Moradores fecham principal avenida do Conjunto Moacir Andrade no Benedito Bentes”. Percebe-se aqui a omissão do motivo do protesto dos moradores, partindo direto à consequência da manifestação.

Azevedo; Zozzoli (2009, p. 7) descrevem a necessidade da imagem como comprovação de um fato no telejornalismo como um problema para “provar” algo nas redações jornalísticas - no caso da notícia supracitada, ela foi dada em forma de nota:

Dentro das redações de TV, ainda que seja possível o debate sobre a veracidade ou não desta afirmação, apoiada ou não em pressupostos científicos, qualquer objeção se cala quando o diretor, o editor, o repórter ou quem quer que seja, pergunta ‘onde estão as imagens que mostram/provam aquilo que se está dizendo?’.

Um assunto geralmente citado quando se trata de analisar o posicionamento classista presente nos meios de comunicação de massa são as manifestações de movimentos de trabalhadores rurais. O assunto veio à tona em dois dias do TVE em Dia durante a semana aqui em análise e, mesmo com as possibilidades de tratar o assunto de forma diferente, prevaleceu, em nossa interpretação, uma visão de dúvida quanto a qual postura adotar sobre o assunto.

O dia 13 de agosto é exemplar quanto a essa percepção. A nota sobre a manifestação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) traz dois termos



polêmicos num mesmo espaço, “ocupação” e “invasão”, como se fossem sinônimos.⁷

Rezende (2000, p. 81) aponta que no caso da notícia:

quando bem escolhidas, as palavras podem determinar a reação do público, por exemplo, a imagem de um protesto público. A impressão de sucesso ou fracasso da manifestação depende, muitas vezes, mais do que se diz do que das imagens mostradas.

No dia 11 de agosto ocorreu outro dizer curioso. Duas notas consecutivas sobre movimentos de trabalhadores rurais mostraram o antagonismo e a dúvida aqui citada. A primeira traz a informação da Feira Agrária do Movimento de Libertação dos Sem Terra (MLST), que serve para mostrar à comunidade a produção dos assentamentos agrários. Já a segunda, a seguir, fala sobre ocupações do MST na representação do Ministério da Fazenda em Alagoas e na Praça Sinimbu, centro de Maceió.

Neste caso, o texto demonstra que o protesto faz parte de um ato organizado, a Jornada Nacional de Luta pela Reforma Agrária. Ainda assim, dada a interpretação difundida sobre o movimento, uma nota não é o suficiente para provar algo sobre o movimento, ficando o assunto a mercê do que já se foi construído pelo receptor.

O signo não é neutro. Ele reflete e refrata a realidade, adquire sentido na contradição e na luta de classes. O significado é dado a partir da posição social do sujeito que enuncia e do seu auditório social, ou falando em termos mais comuns do jargão midiático, do seu público – que no caso da mídia televisiva tanto pode ser o auditório social originalmente pretendido pelo enunciador (por exemplo o público jovem) quanto alguém que porventura esteja assistindo à transmissão (um senhor da terceira idade que assiste TV naquele horário) (AZEVEDO; ZOZZOLI, 2009, p. 12).

Quanto à presença de José Serra em Alagoas, o TVE Em Dia se limita a mostrar a assinatura de convênio entre as companhias de distribuição de água e manutenção de saneamento básico de Alagoas e São Paulo, realizada no dia 14 de agosto. A matéria tem a presença do governador Teotônio Vilela Filho, mas ele não quis falar à imprensa durante a cerimônia, como deixa claro o repórter. Ainda assim, o texto destaca que a companhia paulista é a maior da América Latina, o que mostra a importância do convênio, “um pacto inédito de transferência de tecnologias entre empresas públicas. Em jogo, vinte e cinco milhões de reais”.

⁷ A diferença consiste que o ato de ocupar significa que não foi com violência, é uma posse que pode ser de algo de que se tem direito ou não. Enquanto que invasão usa de atos violentos para se concretizar (FERREIRA, 2001).



Enquanto ao presidente Lula se reproduz através da citação o seu posicionamento mais popular de falar, para o governador Serra se extrai a imagem de administrador, ao mencionar o que representa a assinatura daquele convênio que, segundo ele, seria de risco. O representante do Governo alagoano que comenta a parceria é um diretor da Companhia de Abastecimento de Água e Saneamento de Alagoas.

O segundo evento com a participação de José Serra ao lado de Teotônio Vilela foi a entrega de prêmios de um programa de educação fiscal. O assunto rendeu apenas uma nota pé sobre a agenda de ambos naquele dia.

Considerações finais

Há quase dez anos atuando de forma regular, a TV Educativa de Alagoas é a prova cabal de que falta interesse em tratar tais iniciativas estatais de forma profissional. Desde o início a emissora sofre com problemas estruturais e de recursos humanos e as coisas mudaram pouco ao longo dos anos.

E foi justamente por causa de um desses problemas, a quantidade de profissionais contratados de forma ilegal, que o telejornal que foi aqui analisado acabou, após apenas 95 exibições.

O TVE em Dia mantinha a estrutura de formatos presentes em outros telejornais locais, inclusive com a rapidez na difusão da notícia, que chegava, na maioria das vezes, sem aprofundamento ao telespectador. Ainda assim, apesar da dificuldade de transmissão do sinal, era uma alternativa às empresas comerciais.

Quanto ao conteúdo, realmente encontramos muitas notícias sobre as ações do Governo do Estado e de seus órgãos e secretarias, inclusive com um discurso, como o analisado em relação à visita do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, com tendência em melhorar a imagem do então governador. Porém, permitia que outros assuntos fossem divulgados, não só através de atores de oposição em entrevistas, como também sobre o próprio processo comunicacional, com a proposição de melhorias – tema exorcizado pelos grandes meios de comunicação.

As diferenças em relação aos seus pares está, em primeiro lugar, no que consta à estrutura para fabricação da notícia. Por estar atrelado a uma autarquia estadual, o telejornal está suscetível a priorizar determinados conteúdos. Para além disso, há a falta



de equipamento técnico para produção e difusão do material ali produzido, dadas as dificuldades financeiras e na qualidade do sinal transmitido.

Ainda que apresentando certa dúvida quanto como tratar os movimentos sociais e/ou os protestos que apareceram durante as semanas de análise, percebe-se a influência das rotinas de produção de outros lugares e, ao menos, a iniciativa de tratar tais movimentos sob um olhar menos discriminatório. Por exemplo, a decisão por fazer entrevistas com os representantes de movimentos sindicais, como a Central Única dos Trabalhadores e o Sindicato dos Trabalhadores do DETRAN.

Percebe-se, apesar disso, a dúvida gerada quando o assunto é movimento de trabalhadores rurais, em que, num caso específico, os conceitos de ocupação e invasão apareceram como sinônimos, quando não deveriam ser utilizados como tal. Além do que, no período analisado não se deu voz aos representantes de nenhum desses movimentos, pois geralmente os acontecimentos apareceram como notas.

Através do TVE em Dia, pudemos perceber que mesmo estatal, ele reflete a proposta do telejornal enquanto gênero, que nos entrega um mundo já construído e sem uma profundidade necessária, mas com determinados assuntos tendo explicações pontuais e fragmentadoras através de comentários, o que só nós faz perceber um pleno simulacro de verdade.

Desde outubro de 2009, com o final do TVE em Dia, não há telejornal na TV Educativa de Alagoas e não há perspectiva para que isso ocorra, dada a continuidade do problema com a falta de profissionais, em especial cinegrafistas, para fazer matérias externas com a frequência necessária para um telejornal diário.

Referências bibliográficas

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004, 198pp.

AZEVEDO, Júlio Arantes; ZOZZOLI, Jean-Charles Jacques. Reflexões teóricas sobre o gênero documentário na TV Pública a partir do programa *Balançando o Ganzá*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32., 2009, Curitiba. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2009. 1 CD.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. Tradução de Ângela S. M. Correia. São Paulo: Contexto, 2009.



COSSA, Lourenço Eugénio. Comunicação e linguagens: estabelecendo pontes na publicidade. In: BRITTOS, Valério Cruz (Org.). **Digitalização, diversidade e cidadania: convergências Brasil e Moçambique**. São Paulo: Annablume, 2010. Cap. 11, p. 167-183.

FERREIRA, AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA. **Minidicionário Século XXI: O minidicionário da Língua Portuguesa**. 5.ed. São Paulo: Nova Fronteira, 2001

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 17.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008. (Leituras Filosóficas)

LEAL FILHO, Laurindo. **A melhor TV do mundo: o modelo britânico de televisão**. São Paulo: Summus, 1997. (Coleção Novas buscas em comunicação, v. 55).

MELO, José Marques. **Para uma leitura crítica da comunicação**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos**. 7.ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O Texto na TV: Manual de telejornalismo**. 2.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso: Introdução à Análise de Discursos**. 2.ed. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

REZENDE, Guilherme Souza de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

SANTOS, Anderson David Gomes dos *et al.* Os Grupos de Mídia e a Economia Política da Comunicação em Alagoas. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL “CIÊNCIA, TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO”, 6., 2008, Aracaju. **Anais...** São Cristóvão: EPTIC, 2008. 1 CD.

SANTOS, CLAYTON. **TV Educativa, Canal 3: desafios à implementação da televisão pública em Alagoas**. 2006. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjour/arquivos/ind_clayton_santos.pdf. Acesso em: 14 de novembro de 2010.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico: Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. 4.ed. São Paulo: Summus, 1985. (Novas buscas em comunicação; v. 6)